

Os cinemas de *A. Leal & Comp.* (Barbacena–MG, década de 1920)

The cinemas of *A. Leal & Comp.* (Barbacena–Minas Gerais–Brazil, 1920s)

Igor Maciel da Silva

Doutor em Estudos do Lazer

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

professorigormaciel@gmail.com

Recebido em: 24/04/2022

Aprovado em: 08/07/2022

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever as atividades do *Cine-Central*, *Cine S. José* e *Cine Teatro-Leal*, cinemas de Barbacena (Minas Gerais) que funcionaram na década de 1920 e foram geridos pela empresa *A. Leal & Comp.*, na responsabilidade de Antonio Leal e Achilles Maia. A metodologia adotada é a análise documental da imprensa escrita, especialmente os números do jornal *Cidade de Barbacena*. Como considerações apresenta-se que nesses cinemas: 1) Aconteceram programações diversificadas com projeções fílmicas e outros divertimentos. 2) Houve a preocupação de dotar as programações com fitas que eram exibidas no Rio de Janeiro, na época a capital do país. 3) Identificou-se a frequência de público diversificado. 4) A oferta da Sessão Chique para as mulheres às quintas-feiras foi mantida em todas as casas cinematográficas de propriedade dessa sociedade, possivelmente como estratégia comercial.

Palavras-chave: Cinema; Diversões; Barbacena-MG.

Resumen/Abstract: The purpose of this article is to describe the activities of *Cine-Central*, *Cine S. José* and *Cine Teatro-Leal*, cinemas in Barbacena (Minas Gerais-Brazil) that operated in the 1920s and were managed by the company *A. Leal & Comp.*, under the responsibility of Antonio Leal and Achilles Maia. The methodology adopted is the documentary analysis of the written press, especially the numbers of the newspaper *Cidade de Barbacena*. As considerations it is presented that in these cinemas: 1) There were diversified programs with film projections and other entertainments. 2) There was a concern to provide the programs with tapes that were shown in Rio de Janeiro-Brazil, at the time the capital of the country. 3) The frequency of a diversified public was identified. 4) The offer of the Chic Session for women on Thursdays was maintained in all movie houses owned by this society, possibly as a commercial strategy.

Palabras clave/Keywords: Cinema; Fun; Barbacena-Minas Gerais-Brazil.

Apresentação

A primeira exibição de cinema em Minas Gerais aconteceu em Juiz de Fora, na inauguração do *Theatro Juiz de Fora*, em 23 de julho de 1897, com a apresentação do cinematógrafo Lumière pela companhia itinerante de Apolônia Pinto e seu marido Germano Alves, que se tratava de um grupo de artistas músicos, atores e circenses que usaram o cinematógrafo como número principal (ARAÚJO, 1986; LINO, 2009). Como divertimento de prestígio na agenda de Juiz de Fora, em 1909, a imprensa da região, referindo-se à frequência de assistentes nas sessões dos domingos, apresentou que o cinema era a doença da moda e que o município havia se tornado um grande hospital com muitos enfermos. O que não se tratava de uma crítica, pois o articulista que assinou esse texto assumiu que naquela noite compareceria à inauguração de mais um cinema e estendeu o convite aos leitores (ROCHA, 2008).

Naquele período, similarmente a Juiz de Fora, outros municípios mineiros tiveram o cinema como um dos principais entretenimentos. Citam-se a capital Belo Horizonte, que teve a sua primeira projeção em 12 de julho de 1898 e a primeira casa fixa de exibição instalada em meados de 1908 (GOMES, 1997); e nas décadas de 1910 e 1920, já era citado como o divertimento preferido da população (VILHENA, 2009), dividindo o prestígio sobretudo com o futebol, “como espaços de divertimento legitimamente instaurados” (SOUZA NETO, 2010, p. 119). Outras cidades identificadas que destacaram o cinema naquela época, sem esgotar a lista, foram: Araxá (GOMES, 2017), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Cataguases (GOMES, 1974), Mariana (ROCHA; SILVA, 2011), Montes Claros (CARVALHO, 2016), Patos de Minas (FRÓES, 2018), Uberaba (SILVA, 2017), Uberlândia (PINTO, 1997), Varginha (LIMA, 2017), Visconde do Rio Branco (CAMPOS, 2018), Campanha, Pouso Alegre, Itajubá (NOGUEIRA JUNIOR, 2017; SAMPAIO, 2009) e Barbacena.

Barbacena foi o laboratório de trabalho do fotógrafo, produtor e gestor de cinema italiano Paolino Michellini Benedetti (1863-1944), conhecido como Paulo Benedetti, o qual, junto a acordos comerciais e de modo autônomo produziu os seguintes filmes na cidade no início do século XX: *Inauguração da Herma de Correia de Almeida* (Benedetti, 1911), *As lavadeiras* (Benedetti, 1912), *Documentários* (Benedetti, 1912), *Raid da Infantaria de Tiro 81* (Benedetti & Boratto, 1912), *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia* (Benedetti & Boratto, 1912), *Canção popular* (Ópera Film, 1912), *O Guarani* (Ópera Film, 1912), *Uma transformista original* (Ópera Film, 1915), *As cavalhadas* (Benedetti & Russo, 1915) (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2022).

Os estudos que investigaram as atividades de cinema em Barbacena dedicaram a atenção especialmente ao trabalho de Benedetti e ao seu filme intitulado de *Uma transformista original* (Ópera Film,

1915), sem levar em conta outros aspectos do cinema da região¹, como por exemplo: 1) A produção de filmes sobre a cidade e na cidade por diferentes empresas além das que Benedetti esteve envolvido, como a *SCAB-Film – Sociedade Cinematográfica Artística Barbacenense*, o *Cônsul Japonês* e o *Ministério da Agricultura*. 2) O expressivo número de casas de cinema em uma região interiorana de Minas Gerais até o ano 1930: *Theatro Cinema Mineiro* (c. 1909-1919), *Cinematographo Brasil* (c. 1909), *Cine Iris* (c. 1910-1911), *Theatro Cinema Moderno* (1911-1919), *Cinema Parisiense* (c. 1915), *Cinema Barbacenense* (c. 1915-1917), *Cinema Avenida* (c. 1916), *Cinema Phenix* (c. 1916), *Cine-Theatro Santa Thereza* (c. 1920-1922), *Cinema Central* (c. 1922), *Cine-Theatro Apollo* (1923-1998), *Cine-Theatro Leal* (c. 1925-1927), *Cinema Odeon* (c. 1928) e *Cinema São José* (c. 1917-1931). 3) A presença de gestores de nacionalidades italiana, brasileira e possivelmente germânica (SILVA, 2021c).

A partir do último aspecto supramencionado, o objetivo deste artigo é descrever as atividades do *Cine-Central*, *Cine S. José* e *Cine Theatro-Leal*, cinemas de Barbacena que funcionaram na década de 1920, geridos pela empresa *A. Leal & Comp.*, na responsabilidade de Antonio Leal e Achilles Maia. A importância desta pesquisa se dá para a valorização da história do cinema de Barbacena, e também para corroborar com outras narrativas que investigam as atividades de acordos comerciais ou de empresários autônomos que investiram em cinema no início do século XX, assim como os modos que ofertaram cinema à população². Para isso, pretende-se responder às seguintes perguntas: Quais as características das casas que a empresa geriu? Quais os dias e os horários de funcionamento, marcas e conteúdos dos filmes, tipos de programações, valor dos ingressos e público envolvido? É possível reconhecer algum sentido ou significado para as atividades de gestão e/ou programações?

A metodologia adotada é a análise documental da imprensa escrita, especialmente o jornal *Cidade de Barbacena* (1898-1993), considerado o periódico de maior circulação de Barbacena. Com 95 anos de trabalho, começou a circular em 23 de janeiro de 1898 e terminou as suas atividades em 1993. Os números consultados estão digitalizados na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte-MG.

Segundo Resende (2012, p. 17), a imprensa de Barbacena é “fonte imprescindível para o estudo da vida política, social, cultural e econômica da região”. A atividade jornalística da cidade entre o final

¹ Para maiores detalhes, acessar: Galdino (1980); Galdino (1983); Orlando (2005); Barro (2017); Gomes (2008); Gomes (2011); Schwarzman (2018).

² Para maiores detalhes, consultar: Freire (2020); Freire (2018).

do século XIX e início do XX se fundamentou em publicações de cunho literário, humorístico, político, comercial, industrial, agrícola, noticioso e também diversificado, visto que existiam jornais especializados em cinema e futebol (RESENDE, 2012; FIGUEIREDO *et al.*, 2013; SILVA, 2018; SILVA, 2021c). De um modo geral, a divulgação da agenda dos cinemas em muitos desses periódicos se deu de forma destacada por meio de publicações em seções específicas ou não (SILVA, 2018). A partir disso, a seleção de documentos desta pesquisa seguiu a sugestão de Barros (2020), para quem a constituição do *corpus* documental de uma investigação deve se adequar a alguns critérios, como pertinência, suficiência, representatividade e homogeneidade. Desse modo, optou-se por escolher como fonte principal o jornal *Cidade de Barbacena*.

A seguir constam os tópicos *Cine-Central*, *Cine S. José*, *Cine-Theatro Leal* e Conclusão.

Cine-Central

As primeiras pistas do trabalho de Antonio Leal e Achilles Maia com cinema em Barbacena são identificadas na inauguração do *Cine-Central* em 14 de janeiro de 1922. Antes de apresentar maiores detalhes das atividades desse cinema, destaca-se que foram encontradas poucas informações das biografias dos gestores. Até o momento sabe-se que Antonio Leal foi ator no *Grupo Dramático 1º de Agosto*, companhia amadora de Barbacena, fundada em 1897, com a seguinte formação: Artur Garcia (presidente e ensaiador), Rodovalho Abranches (tesoureiro), Pedro Paz (secretário), Álvaro Meniconi (contrarregra), e a atuação ficava a cargo desses e de outros munícipes, como Antonio Leal³.

O *Cine-Central* foi instalado na região sede, “em um predio completamente reformado” na Praça da Intendencia⁴, e teve vida efêmera, pois o encerramento de suas atividades se deu naquele mesmo ano. As programações identificadas foram projeções fílmicas que se davam aos domingos, segundas, terças, quintas e sábados, em *matinéés* e *soirées*, na mesma ordem: programações diurnas e noturnas. As *matinéés* eram realizadas aos domingos às 13:30; já as *soirées* aconteciam nos horários de 19:30 ou 20:00, em dias da semana e finais de semana. Acrescenta-se a isso a organização de sessões beneficentes como algo comum nas casas de cinema de Barbacena. O valor dos bilhetes foram citados como “preços communs”⁵, dos quais não se sabe o custo.

³ THEATRO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 8, 1898, p. 1. Para a melhor organização do artigo, as fontes consultadas serão citadas em nota de rodapé.

⁴ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1761, 1922, p. 1.

⁵ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1777, 1922, p. 2.

As marcas dos filmes exibidos são: *Paramount*, *Realart* e *Botelho Film*, cujas tramas incluíram comédia, aventura, drama, religiosidade católica e temáticas infantis. Nesse cinema consta a exibição de filmes que tinham angariado grande número de espectadores no Rio de Janeiro, como é o caso de *Macho e Femea* e *Procissão da Santa Eucaristia*. O primeiro título, *Macho e Femea*, foi interpretado por artistas de renome, como Gloria Swanson, Lila Lee, Bébé Daniels, Thomas Mighan e Theodor Roberts. De acordo com os jornais do Rio de Janeiro, o filme “[...] bateu, este anno, o *record* da concorrência nos Cinemas cariocas, pois nada menos de quarenta mil espectadores já o viram e mais de cem mil esperam vê-lo ainda no Rio”⁶. Já *Procissão da Santa Eucaristia*, trata-se de uma *Vista*⁷ produzida pela *Botelho Film* sobre a procissão eucarística de 1º de outubro de 1922 e trazia a expectativa de “atrahir um numero consideravel de espectadores”, visto que autoridades religiosas que haviam assistido à projeção afirmaram que “o ‘film’ dessa empreza merece ser apreciado por todos os catholicos brasileiros para que todos possam formar uma idéa longiqua embora de grande triumpho eucharistico”⁸. Esse último título demonstra a intenção agenciadora dos filmes, isto é, com interesses explicitamente educativos em prol, por exemplo, da religião católica.

Acerca de filmes com temática infantil, identificou-se apenas o desenho animado projetado de modo extra na *matinée* do dia 12 de março de 1922, de título “Palmadinhas”⁹. Ainda que nos demais cinemas de Barbacena fossem organizadas muitas sessões que incluíam os infantes, os filmes não se relacionam estritamente ao conteúdo que hoje entendemos como infantojuvenil, pois naquela época tinha-se outra sensibilidade para esta fase da vida. Desse modo, a maioria das obras projetadas nesse tipo de programação tratavam-se de títulos que os adultos também desfrutavam (SILVA, 2021c).

Para as mulheres foram organizadas, sem regularidade, às quintas-feiras, Sessões Chiques que pareceram privilegiar fitas da empresa *Realart*, cujas temáticas destacaram protagonistas femininas em tramas de comédias e dramas¹⁰, que contaram com “inúmeras senhoras e senhorinhas” e com a distribuição de brindes, como cravos da *Chacara Floricultura Mineira*, localizada em Barbacena, e sorteio

⁶ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1764, 1922, p. 2.

⁷ Vista é o nome dado aos documentários produzidos no Brasil que registravam cenas do cotidiano (GALDINO, 1983).

⁸ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1841, 1922, p. 2.

⁹ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1777, 1922, p. 2.

¹⁰ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1769, 1922, p. 2; DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1832, 1922, p. 2; DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1836, n. 1922, p. 2.

de *corbeille*¹¹, isto é, uma cesta com presentes não anunciados. A publicidade da primeira Sessão Chique deste cinema destaca as seguintes atrações:

CINE CENTRAL. – Hoje, sessão chic, dedicada às senhoras e senhorinhas conterraneas.

<<Eu não casarei>>... é o título da fita a ser exibida, que é uma luxuosa comédia da fábrica Realart.

Interpretes: Wanda Hawley, Harison Ford, Jack Mulhal e Walter Hiers.

Haverá distribuição de cravos às senhoras e senhorinhas¹².

No que concerne às sessões beneficentes, na segunda-feira, dia 3 de abril de 1922, os cinemas que funcionavam na cidade – o *Central* e o *S. José* (direção de *Lopes & Oliveira*) – projetaram o filme *MARTYR S. SEBASTIÃO*, em benefício das crianças pobres¹³. O anúncio dos mesmos títulos nas programações desses cinemas foi algo recorrente em 1922¹⁴. Contudo, em algumas ocasiões, o *Central* teve de diferente a promoção de *matinées* em alguns domingos em que o *S. José* ofereceu apenas *soirées*. Toma-se como exemplo o dia 28 de maio de 1922:

Hoje, nos Cines Central e S. José, serão exibidos so magnificos films – “Uma por minuto”, interpretado pelo querido – Douglas Mac Lean, e “Aventuras de Tarzan” em 15 episodios, interpretado pelo querido Elmo Lincoln.

Haverá matinée, à 1,30, mas sómente no Central¹⁵.

Ainda não foram encontradas notícias que mencionem a data de encerramento das atividades do *Central*. Constatou-se apenas que, em março de 1923, a empresa *A. Leal & C.* geria outro cinema na cidade, o *Cine S. José*¹⁶, e as notícias sobre o *Central* deixaram de ser veiculadas na fonte consultada.

Cinema São José

O *Cinema São José*, na gestão de *Antonio Leal & C.*, funcionou de c. 1923 a 1925. Ainda que gerido por essa empresa até 1925, em 23 de julho de 1923, o *S. José* foi deixado sob a gerência do Sr. Luiz Queiroz Serpa, que por sua vez teve “exclusiva responsabilidade”¹⁷ sobre as programações até

¹¹ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1770, 1922, p. 2.

¹² DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1769, 1922, p. 2.

¹³ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1783, 1922, p. 1.

¹⁴ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1800, 1922, p. 2; DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1831, 1922, p. 2; DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1833, 1922, p. 2.

¹⁵ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1797, 1922, p. 2.

¹⁶ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1878, 1923, p. 2.

¹⁷ CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1913, 1923, p. 1.

que os proprietários encerraram as atividades em 1925, motivado pelo arrendamento de outra casa de diversão da cidade, o *Cine-Theatro Apollo*¹⁸, transformando-o em *Cine-Theatro Leal*.

Mesmo que o Sr. Luiz Serpa não tenha sofrido intervenções em seu trabalho no *S. José* por *Antonio Leal & C.*, entende-se que essa cedência foi um tipo de arrendamento parcial, dado que os mesmos fizeram a casa deixar de funcionar após a inauguração do *Leal* para a extinção de concorrência, e que algumas programações anteriormente oferecidas no *S. José* pelos proprietários foram mantidas pelo Sr. Serpa. Dito isso, o *Cine S. José* será destacado primeiramente com a centralidade nas atividades de *Antonio Leal & C.*, e em seguida na gestão do Sr. Luiz Serpa.

Direção de A. Leal & C.

O *S. José* esteve em funcionamento nos seguintes dias da semana: domingo, quinta-feira, sexta-feira e sábado, sendo que de quinta a sábado ofereceu *soirées* e aos domingos, *matinées* e *soirées*. Especificamente sobre as quintas-feiras, nesses dias constam programações dedicadas às mulheres, as Sessões Chiques, marcadas para às 19 horas.

Os filmes projetados foram das marcas *Universal*, *Fox* e *Paramount*, sendo que alguns eram divulgados com o destaque de já terem sido exibidos no Rio de Janeiro, conforme o exemplo a seguir:

Segundo comunicação que recebemos do digno gerente da <<Universal Film>>, será exibido no *Cinema S. José*, desta cidade, dentro de breves dias, o film – *Esposas ingenuas*, o celebre trabalho cinematographico, que no Rio foi passado ao preço de 5\$000 a entrada.

E' um film arrojado, de enredo empolgante, o qual custou um milhão de dollars. Taes são os reclames que, a seu respeito, lêmos, que, realmente, se nos afigura um trabalho extraordinario, que há de se alcançar aqui um grande sucesso¹⁹.

O valor dos ingressos identificados reporta somente a uma programação especial oferecida em 30 de junho de 1923, quando os preços possibilitados para a primeira classe foi de \$800, para colegiais \$660, e para segunda classe a \$500²⁰. Tal programação ocorreu devido às comemorações das inaugurações do ramal da *Oeste de Minas* e do prédio do Fórum da cidade, contando com eventos durante os dias e noites de 30 e 31 de junho. Contudo, as exibições cinematográficas não compuseram a programação oficial²¹, mesmo que esgrimido na imprensa que os valores dos bilhetes de cinema

¹⁸ Parte da história do *Cine Apollo* está disponível em Silva (2021b).

¹⁹ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1861, 1923, p. 2.

²⁰ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

²¹ AS FESTAS DE HOJE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

seriam esses devido à “[...] comemoração aos grandes festejos, na cidade [...]”²². O valor estipulado para a categoria colegiais aponta indícios de que esses e essas pertenciam a classe social mais abastada da cidade, dado que o preço do bilhete da segunda classe era inferior ao valor dos colegiais. O que poderia também servir como marcador de assento dentro dessa sala de cinema – todavia, infelizmente não foi um mérito desta pesquisa saber se existiam tais questões.

Essa publicidade ainda conduz a leitura de que as demonstrações musicais e os momentos dançantes não foram os únicos divertimentos presentes nas comemorações oficiais de Barbacena (SILVA, 2018; SILVA, 2021c), o que evidencia a relação do cinema com outros acontecimentos citadinos, hipoteticamente porque as pessoas estariam mais interessadas em frequentar uma sessão fílmica ao invés de participar daqueles eventos, ou porque naquela data a região central poderia ter maior número de pessoas circulando e foi pertinente uma estratégia comercial como essa para atrair público, e até mesmo, tal oferta poderia se tratar de uma novidade. Se isso, aquilo ou aquilo outro faz sentido ou não, destaca-se que o cinema se fez presente e pensou em público variado: primeira classe, colegiais e segunda classe.

A respeito da organização das programações, constatou-se a existência de orquestra em uma Sessão Chique em que o público assistiu ao drama *Semi-nua*, “um bom film acompanhado de deliciosos numeros de musicas pela orchestra! Um programma que agrada a todos os paladares”²³. Também se verificou que a organização da Sessão Chique não foi o único modo de conferir destaque às mulheres, visto que em *soirées* comuns, ainda que não fosse concedida entrada gratuita às cidadinas, projetaram-se enredos que se referiam às mulheres, a exemplo do que ocorreu na sexta-feira, dia 29 de junho de 1923, em que a trama da *Fox, Missão divina*, destacava “[...] um problema social que a todos interessa – Coração materno e da Assistencia à Infancia. Em 9 actos”²⁴. Em sentido oposto, outras programações comuns e especiais destacaram interpretações masculinas que propagaram estereótipos de homens violentos e que se envolviam com práticas esportivas, a dizer do filme da *Fox, Herdeiros extemporaneos*, que contava como “[...] interprete principal o destemido artista <<atirador e rei do hyppismo>> - Chrales Buch Jones”²⁵. Por fim, nesse cinema não foi identificada a existência de programações estritamente infantis, eventos beneficentes e outros gêneros.

²² DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

²³ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1905, 1923, p. 2.

²⁴ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1905, 1923, p. 2.

²⁵ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

Direção do Sr. Luiz Queiroz Serpa

Em 23 de julho de 1923, o Sr. Luiz Queiroz Serpa assumiu a gerência do *Cinema São José de Antonio Leal & C.* com a total responsabilidade sobre as atividades da casa junto à promessa de dotá-la de vários melhoramentos que ainda se faziam necessários, como, por exemplo, a aquisição de novos filmes. Três dias após o início de sua gestão foi publicizado que as marcas projetadas seriam as mesmas que se passavam nos cinemas do Rio de Janeiro, “[...] tendo para isso firmado contractos com as mais importantes Empresas Cinematographicas, com representantes no Brasil”²⁶.

Os filmes apreciados foram das marcas americanas *Paramount* e *Metro Pictures*, e da alemã *Ellen Richter Film*. Os valores das entradas não foram identificados, com exceção de quando os ingressos se elevaram devido à presença de enredos de grande reclame, a citar a película germânica “*Maria Tudor*, film de elevado custo e de muito reclame, motivo por que o S. José vae projectal-o a 1\$500”²⁷.

As atividades se deram aos domingos, quintas-feiras e sábados. Aos domingos, eram oferecidas *matinéés* e *soirées*, sendo que algumas vezes eram programadas apenas *soirées* nos horários de 18:45 e 20:00, respectivamente mais cedo do que no concorrente *Cine Apollo*, que trabalhava com os seguintes horários: 20:30 e 21:30²⁸. Soma-se a isso que, quando aconteciam *matinéés*, por muitas vezes era projetado o mesmo filme de manhã e à noite²⁹. Nas quintas-feiras, assim como na gestão anterior, as Sessões Chiques dedicadas ao *bello sexo* continuaram sendo ofertadas³⁰, mas sem regularidade, pois em algumas quintas-feiras também aconteceram sessões beneficentes. Já aos sábados eram organizadas *soirées*, cujos horários não foram reconhecidos.

A respeito das Sessões Chiques, duas ponderações serão feitas. A primeira é que, mesmo que algumas fitas exibidas nas demais programações sugerissem ser de conteúdo que buscavam prescrever modos para a vida matrimonial e comportamento feminino, como na *soirée* do domingo, 9 de março de 1924, na qual consta “[...] o bellissimo film da Paramount em 6 actos - <<Dinheiro e Matrimonio>> [...]”³¹, nas Sessões Chiques essas temáticas parecem ser maioria conforme incitação dos títulos de

²⁶ CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1913, 1923, p. 1.

²⁷ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1932, 1923, p. 2.

²⁸ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1966, 1924, p. 2.

²⁹ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1916, 1923, p. 2.

³⁰ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

³¹ DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1976, 1924, p. 2.

algumas das tramas: *Um marido de verdade*³², *Moral matrimonial*³³, *O anjo do lar*³⁴ e *Teu nome é mulher*³⁵. A segunda reflexão é que não foi noticiado como se dava o funcionamento da orquestra que trabalhava na casa nas demais atividades a não ser nas Sessões Chiques. Por isso, o trecho apresentado a seguir convence a interpretação de que a música ao vivo era uma preocupação mais evidente nas sessões dedicadas ao público feminino, o que também pode sugerir que eram as sessões de maior rentabilidade, visto que o acesso não era restrito às mulheres; daí a presença de outros atrativos, como a música. Similarmente a outros cinemas, as Sessões Chiques também incluíram surpresas, como pode ser lido abaixo:

Está anunciado para hoje neste querido Cinema um programma esplendido, com o reaparecimento da travessa e linda artista Viola Dana, no delicioso film: UM MARIDO DE VERDADE.

Como hoje é dia de <<Sessão Chic>>, a orchestra executará escolhidos numeros de musica, e segundo annunciam os Empresarios ao <<bello sexo>>, esta reservada uma agradabilissima surpresa, que não podemos dizer por ser segredo... No S. José³⁶.

Outro tipo de programação identificada foram as sessões beneficentes. Como exemplo, em 30 de abril de 1925, em benefício da uniformização dos alunos do *Grupo Escolar Bias Fortes*, a professora D. Eliza Magalhães organizou um evento que exibiu o filme *Pão nosso de cada dia*. O valor arrecadado na bilheteria foi doado de modo integral à referida instituição, pois o diretor do *Grupo Escolar* conseguiu que o secretário de Finanças de Minas Gerais, na época, Sr. Mario Brant, isentasse as entradas desse evento dos impostos estaduais em prol da causa³⁷.

Em 16 de julho de 1925, as atividades do *Cinema São José* foram suspensas, pois os proprietários *Antonio Leal & C.* arrendaram o *Cine-Theatro Apollo*, nomeando-o *Cine-Theatro Leal*³⁸.

Cine-Theatro Leal

O *Cine-Theatro Leal* funcionou no edifício do *Cine-Theatro Apollo* (SILVA, 2021b), arrendado em julho de 1925 pela empresa *A. Leal & C.* Segundo a notícia do arrendamento, a nova casa selecionaria

³² DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

³³ S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2019, n. 1924, p. 2.

³⁴ DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2063, 1925, p. 2.

³⁵ DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2065, 1925, p. 2.

³⁶ DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

³⁷ S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2089, 1925, p. 2.

³⁸ PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2111, 1925, p. 1.

os melhores programas, exibindo-os a “preços razoáveis”, e apresentaria ao público novos elementos na orquestra³⁹.

Inaugurado na quinta-feira, 16 de julho de 1925, o nome do filme projetado não foi divulgado, mas apenas as informações de que nesse dia existiu grande público que pôde, antes do início da sessão, presenciar em “uma saleta á entrada” a apresentação da orquestra regida pelo conhecido maestro A. Nunes⁴⁰. Já na sala de projeção, junto a uma “bella fita”, se deu a apresentação de bonecos pelo Sr. Umberto, “o melhor ventriloquo que por aqui tem andado”, o que permitiu aos assistentes “constantes rizadas”, permanecendo na programação da casa por outros dias⁴¹. Esse cinema funcionou como o único da cidade entre a data de sua inauguração até 3 de março de 1927, quando o *Cine S. José* (gestão de Santos & Comp.) foi inaugurado. O fim das atividades do *Cine Leal* ocorreu provavelmente em data não identificada de 1927.

As programações do primeiro ano de funcionamento do *Cine Leal* aconteceram especialmente nas terças, quintas e domingos, e ao longo de suas atividades passou a ter trabalho diário que variava entre *matinéés* às 14:00 e *soirées* 19:45 e 20:00. Em alguns dias, aconteciam de modo simultâneo, como nas sextas, sábados e domingos, mas prevalentemente aos domingos.

Inicialmente, os valores cobrados nas entradas eram de 1\$100 para a primeira classe e \$600 para a segunda classe, o que ao longo de suas atividades passou por alterações. O público presente foram crianças, adultos, homens e mulheres pertencentes ao “que há de mais fino e elegante da nossa sociedade”⁴² – tal descrição demarca a classe social frequente e se afirma em outras análises presentes neste tópico.

Os filmes exibidos foram das marcas *Paramount*, *Universal*, *Metro Goldwyn*, *First National*, *Fox Film*, nacionais e um título produzido na região. Durante sua existência, foram citados alguns investimentos a respeito da contratação de fitas. Menciona-se que, em 1925, exibiu-se um filme em cores: “‘Sua Magestade a Mulher’, film colorido, de muita beleza e luxo”⁴³, e em 1926, mesmo já projetando títulos passados no Rio de Janeiro, como, por exemplo, no *Cine Odeon*⁴⁴, a empresa foi

³⁹ PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2111, 1925, p. 1.

⁴⁰ PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2112, 1925, p. 2.

⁴¹ PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2112, 1925, p. 2.

⁴² PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

⁴³ CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2345, 1927, p. 2.

⁴⁴ CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2184, 1926, p. 3.

readmitida na *Sociedade dos Grandes Exibidores Cinematographicos*⁴⁵, que a dotou de filmes que constavam nos cinemas do Rio, como "Capitolo, Imperio, Rialto e Casino"⁴⁶. Isso trouxe distinção para o recinto e foi considerado um bem para o público de Barbacena.

Logo em seu primeiro mês de funcionamento, o preço do bilhete de entrada foi ajustado para a taxa única de 1\$600, o que contrasta com os valores inicialmente fixados de 1\$100 (primeira classe) e \$600 (segunda classe). Após tal mudança, a empresa cobrou em uma sessão na terça-feira, 21 de julho de 1925, com uma fita da *Paramount* em que o ator Rodolpho Valentino atuava, o preço de 2\$000, o que causou insatisfação entre o público. Por isso, “começaram os protestos, tendo varias senhorinhas resolvido adquirir ingressos de 2ª classe, o que fizeram sob palmas dos moços que tambem já haviam feito o mesmo”⁴⁷. Dois dias após esse desacordo, a imprensa escreveu que, com o preço do toucinho a 6\$000 o kilo, seria inviável que o *Leal* tivesse grande frequência. A empresa, ainda que quisesse justificar essa cobrança afirmando que a *Paramount* cobrava um valor abusivo de 500\$000 ou 60% do rendimento da exibição, retrucou em nota que o aumento não era justificável dado que outros filmes projetados a 1\$600 eram tão bons quanto o da referida sessão, o que fez com que o *Leal* estabelecesse o valor fixo dos seus ingressos novamente para 1\$600⁴⁸. Contudo, isso durou pouco tempo.

O estabelecimento do preço do ingresso a 1\$600 inviabilizaria as atividades do recinto, segundo uma nota publicada em 6 de agosto de 1925, pois a empresa estava disposta a buscar *belissimos films* que nos cinemas de São Paulo e Rio de Janeiro tinham os bilhetes de 3\$ até 5\$000. Assim, o preço de 1\$600 não estaria de acordo com as novas aquisições. Contudo, após essa publicidade foi apresentado que os valores de 1\$100 para a primeira classe e \$600 para a segunda seriam restabelecidos, pois o *Cine Leal* não se encontrava em um bom momento, dado que o número de frequentadores diminuiu, ainda que a casa contasse com boas programações. Por fim, apresentou-se a reflexão que conduz à leitura de que no *Leal* havia o interesse de contar com a presença da elite, visto que “maior não é a frequencia áquella casa de diversões, quando seu programma traz o preço de 1\$100, e sim, quando é elle elevado a 2\$ e

⁴⁵ Acredita-se que essa sociedade seja a formada pelo *Circuito Nacional dos Exibidores*, no Rio de Janeiro, na qual Paulo Benedetti estava entre os fundadores em 1926. Caso seja, isso pode ser uma pista da continuidade das relações de Benedetti e as casas de cinema de Barbacena. Para maiores detalhes sobre o *Circuito*, consultar: Freire (2018).

⁴⁶ O CINE-LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2301, 1927, p. 1.

⁴⁷ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2113, 1925, p. 1.

⁴⁸ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2113, 1925, p. 1.

5\$000”⁴⁹, ou seja, quando um preço maior era cobrado pelos ingressos, e certamente só poderiam ser custeados por público de melhor condição financeira.

Nesse mesmo sentido, identificou-se que os pedidos de ajustes nas cobranças das taxas envolvendo as exibições cinematográficas foram além das queixas dos frequentadores. “Em 1927, o governo Estadual propôs o aumento de 300% do selo de diversões” (GOMES, 2017, p. 36), e as empresas de cinema de Belo Horizonte e de regiões do interior de Minas Gerais se organizaram para produzir um memorial pedindo a redução do imposto estadual cobrado sobre as vendas de bilheterias de casas de diversão. Conforme a fonte:

O selo de diversões

As empresas cinematográficas de Belo Horizonte e das cidades do interior, em grande reunião, deliberaram dirigir um memorial ao Governo do Estado, pedindo a redução dos selos das diversões que foram aumentados em mais de 200%.

O Presidente Antonio Carlos recebeu a comissão portadora do referido memorial, prometendo solucionar a questão de maneira a conciliar os interesses dos cofres estaduais com os dos reclames.

Ficou decidido, logo, o adiantamento da execução do regulamento do selo na parte referente às diversões até que o Congresso se pronuncie a respeito⁵⁰.

Tal questão começaria a ser solucionada em 1931, a partir do Decreto n. 9.805 assinado pelo presidente Olegário Maciel, que legalizava as questões em torno da cobrança do *sello* “e das licenças e autoridades policiais para a realização de espectáculos e outros divertimentos”⁵¹, mas somente em 1934 entraria em vigor um decreto que estabelecia um tributo em forma de selo fornecido pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) nas entradas das casas e lugares de diversões pagas, a fim de contribuir com a atividade de estatística do país (SENRA, 2008). Todavia, em Barbacena, em 1925, foi identificado que em uma sessão de cinema beneficente organizada no *Cine S. José* (gestão de Sr. Luiz Queiroz Serpa), o valor arrecadado no dia foi destinado integralmente à Caixa Escolar do *Grupo Escolar Bias Fortes* porque o diretor da instituição conseguiu que o secretário de Finanças de Minas Gerais, Sr. Mario Brant, isentasse as entradas do dia de impostos estaduais⁵².

Sobre a música do recinto, a notícia de que a casa teria novos elementos na orquestra não significou a aprovação do público, visto que a mesma nem sempre tocava partituras em conformidade

⁴⁹ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2117, 1925, p. 1.

⁵⁰ O SELLO DE DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2346, 1927, p. 1.

⁵¹ REGULANDO A COBRANÇA DO SELLO DE DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2644, 1931, p. 1.

⁵² S. JOSE'. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2089, 1925, p. 2.

com o enredo das tramas. Segundo uma notícia de 1926, “a’s vezes, a exibição é de um drama e lá vem um fox-trot, por exemplo, reservando-se um valsa lenta, languorosa, para uma comedia de Carlito ou de outro qualquer artista comico”⁵³. Tal queixa continuou em 1927, e a imprensa fez o alerta de que uma sessão fílmica em que a música destoava do enredo era desagradável, visto que “a musica preparanos o estado dalma para melhor interpretarmos o desenrolar do film [...]. A musica é o tempero da fita”⁵⁴.

A inauguração do *Cine S. José* em 1927, pela gestão de *Santos & Comp.*, parece ter motivado os diretores do *Cine Leal* a pôr um fim nas reclamações sobre a música das projeções do estabelecimento. Tal consideração é feita porque a imprensa divulgou que a qualidade da orquestra do concorrente *S. José* era algo notório, e também porque a apresentação de música ao vivo poderia não ser comum no *Leal*, tanto pelo fato de que o maestro do *Leal*, A. Nunes, também trabalhava no *S. José* naquele ano⁵⁵, quanto pela notícia a seguir, que ressalta a falta de um conjunto musical na empresa:

Consta-nos que a empresa de Cine Leal está providenciando para um conjunto musical em seu salão.

Há muito que se ressentente desta grande falta aquelle Cinema, pois é uma bôa casa que Barbacena possui e onde se têm levado optimos programmas.

Applaudimos, devéras, a excellente medida que vão tomar os empresários e que certo agradará aos “habitué’s” daquele Cinema⁵⁶.

Sobre a infraestrutura da casa, essa passou por melhoramentos que incluíram a construção de “uma varanda nobre, com lotação para mais de cem pessoas”⁵⁷ e a aquisição de novas cadeiras que tanto as crianças quanto os adultos pareciam não ter bons modos para usá-las, pois estavam “levantando a todo momento a parte superior, o que não deixa de aborrecer a quantos se acham alli presentes”⁵⁸.

O mau comportamento do público do *Cine Leal* foi algo recorrente em suas programações: se, antes, na plateia acontecia muita conversa (o que já tinha parado), havia outro problema que era com as novas cadeiras que estavam sendo usadas como brinquedos, além do fato de que “da galeria do Cinema atiram constantemente grãos de milho por sobre a cabeça dos espectadores, facto que está

⁵³ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2255, 1926, p. 1.

⁵⁴ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

⁵⁵ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2275, 1927, p. 1.

⁵⁶ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2299, 1927, p. 1.

⁵⁷ NO CINE-LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2221, 1926, p. 1.

⁵⁸ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

despertando protestos, como já tivemos ocasião de ouvir”⁵⁹. A imprensa pediu que a empresa providenciasse a pausa desses maus hábitos e que a polícia se encarregasse dessa demanda do interior do cinema, assim como reforçou o pedido de que os menores que ficavam na porta do cinema fossem retirados, pois dificultava a entrada dos frequentadores e atrapalhava o trânsito dos que ali faziam *footing*⁶⁰, ou seja, paqueravam.

O pedido para que o comportamento dos frequentadores mudasse pareceu surtir pouco efeito, pois foi divulgado que o público de Barbacena era pouco educado e outras pessoas encontravam novas formas de atormentar os presentes, que queriam se divertir. Por isso, parecia necessária a organização de uma polícia de costumes nas casas de diversão da região, conforme a observação a seguir:

As sessões do Cinema Leal têm melhorado bastante, no que concerne ao barulho que alli se fazia até há pouco, dando idéa de ser a platéia barbacenense pouco educada. Mas, ainda há alli quem, com alguma desenvoltura, fica a inventar meios outros de incomodar as famílias e a quantos querem se divertir sem aborrecimentos, parecendo tornar-se necessaria a organização em nossas casas de diversões de uma polícia de costumes⁶¹.

Não foi identificada a organização de uma polícia de costumes para atuar nas casas de diversão do município. Porém, a divulgação de um novo regulamento policial em 1927 sugere que a preocupação com o comportamento dos espectadores era algo que não acontecia somente em Barbacena, mas em todo o Estado, como verificado na transcrição abaixo:

Dispõe o novo regulamento policial do Estado, em seu art. 454. Os espectadores não podem:

1º. Incomodar quem quer que seja durante a representação, salvo o direito de applaudir ou de reprovar; arrojando ao palco objetos que molestem as pessoas ou possam damnificar as cousas; fazer motim, assuada ou tumulto com gritos, assovios ou outros quaesquer actos que interrompam o espectáculo ou sejam contrarios à ordem, socego e decencia⁶².

Tais considerações deixam pistas de que o desejo de conformar os corpos em dado ideário de modernidade entre o final do século XIX e início do século XX não foi algo tão simples como algumas leituras sobre os estudos do cinema e das diversões neste recorte temporal podem dar a entender. O comportamento dos frequentes do *Cine Leal*, por exemplo, apresenta corpos que já na década de 1920

⁵⁹ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

⁶⁰ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

⁶¹ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2255, 1926, p. 1.

⁶² PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

se comportavam como as pessoas que desfrutaram o ultrapassado entrudo, ou mesmo das que se habituaram melhor ao calor das primeiras expressões de torcer para times de futebol, e qualquer aglomerado de gente era motivo de agir como um torcedor. São reflexões que podem incitar novas reflexões sobre os corpos que ocuparam as salas de cinema no início do século XX.

A respeito das programações, no *Leal* constam opções para diferentes faixas etárias que incluem crianças, mocidade e adultos.

Para a *petisada* foram ofertadas *matinées* dominicais⁶³ que contaram com fitas do tipo desenho animado, comédias⁶⁴ e outros, como “o luxuoso film LUAR, MUSICA E AMOR”⁶⁵, que pareciam ser destinados também aos adultos, outro público presente nas programações diurnas. Tal consideração se afirma pelo fato de que em uma *matinée* de outubro de 1927, aconteceu a distribuição de *coupons* para o sorteio de um automóvel em que o ganhador seria anunciado no dia 17 do mês corrente⁶⁶.

Outros programas de variedades incluíram as crianças de diferentes modos. Citam-se três exemplos. Primeiro, em 1927, a casa abrigou as apresentações de uma *troupe* de teatro que obteve sucesso na cidade com a apresentação das artistas infantis Gasparina, Nadyr e especialmente do pequeno Edison, que estava à frente do grupo. A companhia, além de deixar a plateia do *Cine Leal* satisfeita e ficar em cartaz junto às programações fílmicas entre 18 e 23 de junho, ganhou uma cerimônia de homenagem organizada por cidadãos no *Club Barbacense* no dia 24 do mês corrente⁶⁷. A respeito da repercussão da primeira apresentação do pequeno Edison no *Cine Leal*, consta:

[...] Trata-se, na verdade, de uma criança dotada de um talento precoce, sabendo desempenhar seus papeis com absoluta consciência, patenteando-se, a todo momento, um artista perfeito.

Os numeros do programma de ante-hontem arrancaram palmas prolongadas, sendo que os demais artistas da troupe, principalmente Gasparina, são todos inteligentes e vivos, formando assim um interessante conjunto teatral.

A platéa do Cine-Theatro Leal está satisfeita com a actual temporada da troupe do pequeno Edison⁶⁸.

O segundo exemplo trata de um festival com renda destinada a crianças da *Confraria de S. Vicente de Paula*, organizado em 10 de junho de 1927 pelas senhorinhas Dolores Campos, Clarieta e Maria José

⁶³ CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2204, 1926, p. 3.

⁶⁴ CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2278, 1927, p. 3.

⁶⁵ CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2284, 1927, p. 2.

⁶⁶ CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 3.

⁶⁷ NO CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2305, 1927, p. 2.

⁶⁸ O PEQUENO EDISON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2304, 1927, p. 2.

Cisalpino, cuja programação, que “constava de quadros, canções, danças, marchas, monólogos, etc., agradeu á enorme assistência que bisou vários números”⁶⁹.

Terceiro, a promoção de um *Festival didactico-recreativo*⁷⁰, em 7 de outubro de 1927, organizado pelo diretor e professor do *Grupo Escolar Bias Fortes*, senhor Carlos Gonçalves – um dos diretores do *Cidade de Barbacena*, e pelos demais docentes da instituição. O evento contou com a seguinte programação: escoteiros do Grupo “fizeram alas na sala de espera do Cine-Leal, até o momento de ser iniciado o espectáculo”⁷¹; apresentação de forma teatralizada pela professora D. Philocelina Mattos de Almeida de alguns testes pedagógicos para os alunos do terceiro e quarto anos, desenvolvidos “para admirar o que se obtém da atenção, da actividade, da perspicacia da criança – principal objectivo dos testes”⁷²; demonstração de exercícios de *gymnastica rythmada* por alunas do terceiro e quarto anos; músicas dirigidas pela orquestra do Dr. Oscar Lacerda e também cantadas por alunas da instituição; por fim, a oferta de uma palestra sobre datas nacionais pelos alunos do segundo ano. Toda a programação teve a intenção de demonstrar os conteúdos físicos, morais e intelectuais ao público presente, “familias da nossa melhor sociedade, cavalheiros de todas as graduações sociais”, sobre os quais o *Grupo Escolar* trabalhava em consonância com outras instituições congêneres do Estado no que tange ao ensino primário⁷³.

Para a mocidade adulta e adultos em geral, o *Cine Leal* organizou a *Sessão Elite* às sextas-feiras. Acredita-se que esse momento contava com essas pessoas, tanto pelos títulos projetados que sugerem ser de conteúdo adulto – por exemplo, “BEIJOS BARATOS – Um lindo romance de amor, de luxo, de vertigem, entre champagne, flores, musica, mulheres lindas e risos [...]”⁷⁴ –, quanto pela existência de um pedido, nesse mesmo anúncio, para que fosse proibida a entrada de menores de idade nas *soirées* da casa⁷⁵. Esses dois aspectos sugerem o interesse de fazer dessas *soirées* um momento de promoção a frequência desse público.

Para as mulheres foram proporcionados descontos e gratuidade em sessões específicas. Exemplificando, foram identificadas duas vantagens conferidas à elas: descontos para as senhoras e

⁶⁹ FESTIVAL INFANTIL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2302, 1927, p. 2.

⁷⁰ FESTIVAL DIDACTICO-RECREATIVO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2334, 1927, p. 1.

⁷¹ NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

⁷² NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

⁷³ NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

⁷⁴ CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2217, 1926, p. 2.

⁷⁵ PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

senhorinhas nos bilhetes da *Sessão Elite*, em que foi cobrada meia entrada no valor de \$800⁷⁶, o que sugere que o preço dessa sessão foi de 1\$600. Segundo, a organização da *Sessão Chic extraordinaria*, que conforme estudos de Silva e Soutto Mayor (2020), foi um programa oferecido gratuitamente entre 21 de junho de 1926 e 10 de novembro de 1927, agendada a princípio para as segundas, depois às terças e posteriormente fixada às quintas-feiras. Trata-se da programação fílmica que aconteceu de modo mais regular para as mulheres de Barbacena, visto que outros cinemas organizaram sessões com entrada franca para elas, mas sem a regularidade dessa.

A partir da análise de algumas fitas incluídas na *Sessão Chic extraordinaria*, foi identificado que os filmes projetados nesse evento apresentavam conteúdos moralizantes ao público frequentador que transitava – às vezes na atuação de uma mesma personagem – entre os antigos valores sociais conferidos às mulheres, como o cuidado com os afazeres domésticos e familiares, e também os modos vivenciados pelas estrelas de cinema, em papéis que demonstravam os hábitos das mulheres modernas, em especial, o perfil da melindrosa (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020).

A preocupação com a instrução cidadina a partir das tramas cinematográficas foi identificada em sessões além das dedicadas às mulheres, pois a partir de um filme projetado em uma *soirée* rotineira do *Leal*, identificou-se a exaltação ao caráter moralizador do conteúdo da projeção, tendo como foco a mocidade presente, conforme se observa na seguinte passagem:

O *Cine Leal* fez exhibir em uma destas noites um *film* na verdade interessante, que deixa funda impressão. É o que tem o título, VICIO E BELEZA, um trabalho magnífico, que serve de espelho, principalmente, á mocidade extravagante, que nelle se póde mirar, vendo as consequencias que lhe acarretam certos vicios, certas formas de illusorio prazer⁷⁷.

Dentre outras programações sediadas no *Cine Leal*, citam-se *sarau dançante* e sessão fílmica beneficente. A respeito do *sarau*, esse foi oferecido no dia 24 de dezembro de 1925 por um dos diretores da empresa, Sr. Achilles Maia, e por sua excelentíssima esposa às pessoas de seu convívio. Na ocasião, os salões do *Cine Leal* estiveram cheios de pessoas distintas e selecionadas, que desfrutaram até as primeiras horas da manhã da atenção das irmãs da Sra. Achilles Maia, respectivamente

⁷⁶ CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2217, 1926, p. 2.

⁷⁷ PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

senhorinhas Argentina e Noemi Pitanga, de doces e licores finos. A parte musical ficou a encargo do conjunto da empresa⁷⁸.

A sessão beneficente aconteceu no dia 5 de agosto de 1927, com a projeção do filme local *Aprendizado Agrícola* (autoria não identificada, 1927), a respeito das atividades da instituição de ensino homônima, cujo pecuniário foi destinado a duas entidades de caridade da região: o *Asylo de Orphãs* e a *Confraria de S. Vicente de Paula*⁷⁹. A data dessa sessão foi em uma sexta-feira. Conforme um pedido publicado na imprensa, o dia ideal para que acontecesse seria um domingo por ser oportuno para as classes rurais interessadas no assunto comparecerem, por isso seria desejável outra exibição da fita⁸⁰. Todavia, esse filme não voltou a ficar em cartaz, e tal fato pode corroborar as seguintes análises: no *Cine Leal* não existiu o interesse em receber pessoas de classe social inferior para privilegiar esse filme, mas sim aquelas pessoas que poderiam fomentar a causa, por exemplo, com o pagamento de bilhetes da primeira classe; e a de que filmes produzidos por pessoas que não fossem também exibidores, ainda que fizessem parte das programações dos cinemas locais, ficavam em cartaz por pouco tempo. Isso corrobora a consideração de Souza (2018, p. 179) sobre a exibição de filmes brasileiros no início do século XX, quando,

Nesse universo, a presença do filme brasileiro era ínfima e se dava ou pela presença de cinejornais e documentários de interesse local ou pela ocasional boa vontade dos donos de salas, que encaravam a exibição de longas-metragens de ficção como um favor ou gentileza para com os produtores nacionais. Estes precisavam tentar, sozinhos e pessoalmente, a exploração de um mercado que as fitas norte-americanas percorriam com desenvoltura e naturalidade.

O acordo entre Antonio Leal e Achilles Maia foi encerrado em 30 de outubro de 1927, quando o primeiro passou a ser o único proprietário desse cinema por ter arrendado a parte do seu sócio⁸¹. Acredita-se que nesse mesmo ano o recinto encerrou as suas atividades e em 1º de maio de 1930 o *Cine-Theatro Apollo* foi reinaugurado.

Considera-se que o *Cine-Theatro Leal* abrigou distintas programações, contou com a participação de público interessado tanto em fazer do cinema um divertimento acessível no que tange ao valor das entradas quanto por pessoas que se mostravam interessadas em frequentar a casa no dia em que os

⁷⁸ SARAU DANÇANTE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2157, 1925, p. 2.

⁷⁹ UM FILM DO APRENDIZADO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2317, 1927, p. 2.

⁸⁰ AINDA O FILM DO APRENDIZADO AGRICOLA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2319, 1927, p. 2.

⁸¹ CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2342, 1927, p. 2.

bilhetes tinham preço elevado. Essa última descrição do público, assim como outras referências apresentadas conduziram a reflexão de que o *Cine Leal* tinha maior frequência de pessoas com melhores condições financeiras.

Conclusão

As atividades das salas de cinema e de outros divertimentos sediados fora das capitais dos Estados brasileiros têm conquistado o interesse de narrativas de diversos campos, por exemplo, dos Estudos do Lazer, da História, do Cinema e do Audiovisual⁸². Nesse mesmo sentido, as ações de gestores do entretenimento é um assunto que merece contínuas investigações.

No exemplo de Antonio Leal e Achilles Maia, faltam informações sobre as suas biografias, e no reconhecimento delas algumas perguntas poderão ser respondidas e fazer entender o porquê deles empreenderem continuamente com cinema (três cinemas). Nessa perspectiva, ainda que essa investigação seja o fragmento de uma história de Barbacena, é evidente a importância que o cinema teve como opção comercial e de diversão naquele tempo.

Considera-se que os cinemas de Antonio Leal e Achilles Maia sediaram programações diversificadas que contaram com projeções filmicas com variada temática, confirmando que o cinema nunca foi somente cinema, pois o conteúdo de seus filmes e a publicidade buscaram educar os sentidos e as sensibilidades que transitaram por diversos intuitos, a citar a religião católica, o cuidado com a infância, a consciência matrimonial e os estereótipos do ser homem e do ser mulher.

Também identificou-se a preocupação de dotar as programações com fitas que eram exibidas no Rio de Janeiro como uma escolha de distinção para o município, haja vista que aquela cidade era a capital do país e do mesmo modo o modelo de novidades cinematográficas que chegavam no Brasil. Fato que significa a circulação de práticas e programações em diferentes municípios e Estados, ainda que possivelmente em momentos intervalados.

Das demais programações presentes nesses cinemas, destaca-se que elas corroboram a uma característica comum das casas projetoras de tantos outros lugares: o cinema como um espaço híbrido, ou seja, não ofertava somente a projeção de filmes, pois também abrigava outros entretenimentos, como o teatro e a música.

⁸² O projeto *Minas é Cinema* (UFJF) é apresentado como um exemplo de projeto que abriga trabalhos do gênero. Maiores informações em: <https://www.ufjf.br/cpcine/projetos/financiados/minas-e-cinema/> Acesso em 14 jan. 2022.

Houve a presença de público diversificado e a participação das mulheres chama a atenção. A oferta da Sessão Chique para elas, às quintas-feiras, foi uma programação recorrente nos três cinemas da empresa. Isso pode ter acontecido como uma estratégia comercial que, por dar certo, foi mantida em todas as propriedades dessa sociedade. Outra leitura importante desse fato é pensar na importância que as mulheres tiveram para essas programações acontecerem, ou seja, mesmo que outros públicos estivessem nas Sessões Chiques, sem as mulheres elas não existiriam, pois elas estavam na centralidade das publicidades. Desse modo, corroborando a tese de Silva (2021a) de que os divertimentos foram caminhos para a emancipação das mulheres no início do século XX, a insistência de Antonio Leal e Achilles Maia em organizarem as Sessões Chiques pode não ter sido com despropósito.

Vale mencionar que as Sessões Chiques são identificadas no Sudeste, Nordeste e Sul do Brasil neste recorte temporal e em outros adiante (FONSECA, 2002; VIEIRA, 2010; SILVA, 2017). Isso conduz a interpretação de que houve um incentivo coletivo para a participação das mulheres nos cinemas – resta saber se foi um modelo de certo *marketing* copiado do estrangeiro ou se foi algo que esteve vigente por meio de ações isoladas que cooperaram coletivamente com um fim comum: promover o cinema e a frequência de mulheres nas salas de projeções.

Finalmente, o acordo comercial de dos Srs. Leal e Maia apresenta algo que parece ter sido comum no empreender com cinema no recorte temporal estudado, a impermanência desse negócio. Seriam as empresas cinematográficas tão efêmeras quanto as películas projetadas naquele tempo? Deixo essas e outras questões para futuros empreendimentos científicos.

Referências

- ARAÚJO, Vicente de Paulo. 1896: o cinematógrafo dos Lumière chega ao Brasil. **Revista Filme Cultura**, 1896: O Cinematógrafo chega ao Brasil as primeiras projeções em São Paulo, Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia. Embrafilme: Ministério da Cultura, n. 47, ago. 1986, p. 6-12.
- BARRO, Máximo. **Participação italiana no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora SESI - Serviço Social da Indústria, 2017. 328p.
- BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. 280p.
- CAMPOS, Aline da Fonseca. **O cinema no interior: um estudo sobre a história do Cine-Brasil de Visconde do Rio Branco/MG (1915-1993)**. 166 f. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.
- CARVALHO, Jailson Dias. **Cinema e exibição cinematográfica em Montes Claros (MG): dos primórdios à consolidação do circuito exibidor**. São Paulo: Verona, 2016.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos; MONTEIRO, Ian Agostini dos Santos; CHAVES JÚNIOR, Mário Luiz de Sá Carneiro; VIANNA, Moema Lima; RIOS, Ricardo Matos de Araújo; ELISEU, Thalysson Alves Ferreira. Imprensa em Barbacena: traços do percurso histórico. *In: 9º Encontro Nacional de História e Mídia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais. Anais ...*, 2013, p. 1-13.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”**: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, 2002. 210p.

FREIRE, Rafael de Luna. A Companhia Cinematográfica Brasileira e a Marc Ferrez & Filhos: discutindo a relação entre Francisco Serrador e a família Ferrez (1912-1915). **Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica**, Buenos Aires, Argentina, año 6, n. 6, p. 116-148, dic. 2020.

FREIRE, Rafael de Luna. O cinema no Rio de Janeiro (1914-1929). *In: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (Orgs.). Nova história do cinema brasileiro*. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 252-293.

FRÓES, Natália Telles Silva e. **Inventário das salas de cinema de rua de Patos de Minas**: exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Paranaíba, Minas Gerais. 91 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

GALDINO, Márcio da Rocha. **Minas Gerais**: ensaio de filmografia. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1983. 430p. (Prêmio Cidade de Belo Horizonte – Ensaio)

GALDINO, Márcio da Rocha. Paulo Benedetti – dossiê. *In: ROCIO, Celina do; KANO, Clara Satiko et al. Cinema brasileiro*: 8 estudos. Rio de Janeiro, MEC – EMBRAFILME – FUNARTE, 1980. p. 109-144.

GOMES, Amanda Carvalho. **Entre rastros e memórias dos cinemas de rua em Araxá**: um estudo sobre o Cine-teatro Brasil. 2017. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GOMES, Paulo Augusto. Os italianos e o nascente cinema mineiro. **Revista da imigração italiana em Minas Gerais – Ponte entre culturas**, Belo Horizonte, p. 1-8, 2011.

GOMES, Paulo Augusto. Paulo Benedetti. *In: GOMES, P. A. Pioneiros do cinema em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008. p. 41-49.

GOMES, Paulo Augusto. 100 anos de cinema em Belo Horizonte. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 18, p. 347-372, set. 1997.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte**. São Paulo: Perspectiva, Editora Universidade de São Paulo, 1974.

LIMA, Otávio Henrique Reis. **Exibidores brasileiros**: breve histórico de exibidores cinematográficos de Varginha (MG). 2017. 95 f. Trabalho de conclusão de curso em Cinema e Audiovisual - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

LINO, Sonia Cristina. Cinematógrafo: doença da moda. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Dossiê, ano 45, n. 1, p. 90-103, jan./jun. 2009.

NOGUEIRA JUNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)**. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ORLANDO, José Antônio. A cidade dos Lunáticos. *In*: NAZÁRIO, Luiz (Org.). **A cidade imaginária**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 13-26.

PINTO, Luziano Macedo. **Sociabilidade de 'matinée': cinema em tempos de modernidade – Uberlândia (1937-1952)**. 1997. 102 f. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

RESENDE, Edna Maria. Do debate político à notícia: a imprensa periódica em Barbacena - séculos XIX e XX. **Revista Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano V, n. 8, p. 15-40, jan./jun. 2012.

ROCHA, Adriano Medeiros da. O cinema chega às montanhas de Minas. *In*: VI Congresso Nacional de História da Mídia, **Anais...** Niterói, 2008, p. 1-13

ROCHA, Adriano Medeiros da; SILVA, Luana Viana e. A exibição cinematográfica em Mariana. *In*: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, **Anais...** São Paulo, 2011, p. 1-11.

SAMPAIO, Carlos Leonardo Teixeira. **A Igreja Católica e a transformação do espaço e do viver urbano de Pouso Alegre-MG (1936-45)**. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, São Paulo, 2009.

SCHVARZMAN, Sheila. O cinema silencioso em Minas Gerais (1907-1930). *In*: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 124-173.

SENRA, Nelson de Castro. Os municípios na formação do IBGE. *In*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Org.). **O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 432p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv38889.pdf> Acesso em: 14 jan. 2022.

SILVA, Igor Maciel da. Divertimento é emancipação: a participação de Maria Lacerda de Moura nas festas de Barbacena (MG) até a década de 1920. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, 2021a, p. 204-226.

SILVA, Igor Maciel da. O maior cinema na história de Barbacena: panorama dos primeiros anos do *Cine-Theatro Apollo* (1923 a 1925). **Revista Caminhos da História**, Montes Claros, v. 26, n. 1, 2021b, p. 148-164.

SILVA, Igor Maciel da. **O mais completo dos sports espirituaes: o cinema silencioso em Barbacena (Minas Gerais, 1914-1931)**. 2021. 172 f. Tese (doutorado em Estudos do Lazer). Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021c.

SILVA, Igor Maciel da. **Elas se divertem (Barbacena - MG, 1914 a 1931)**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Igor Maciel da. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba - MG, 1918-1943). **Revista Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, ano IV, v. VII, n. 1, 2017, p. 9-27.

SILVA, Igor Maciel da; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. Pistas do trabalho de Paulo Benedetti como gestor e produtor de cinema em Barbacena-MG no início do século XX. **Licere**, Belo Horizonte, n. 25, n.1, 2022, p. 141-170.

SILVA, Igor Maciel da; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. As mulheres de Barbacena (MG) e as Sessões Chiques de cinema (anos de 1926 e 1927). **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 32, n. 63, 2020, p. 1-22.

SOUZA, Carlos Roberto de. O cinema em São Paulo (1912-1930). *In*: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 174-223.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

VIEIRA, Alexandre Sardá. Sessão das moças: história, cinema e educação. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. *In*: **Anais...**, Florianópolis, 23 a 26 de agosto de 2010, p. 1-8.

VILHENA, Kellen Nogueira. **Entre “sãos expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”**: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922). 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.